

# **A Análise de Discurso como dispositivo analítico em pesquisas de Educação em Ciências**

## **Discourse Analysis as an analytical device in Science Education research**

**Tatiana Galieta**

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade,  
Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências e Saúde, Núcleo de  
Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro  
tatigalieta@gmail.com

**Maria José P. M. de Almeida**

Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas  
Programas de Pós-Graduação em Educação e Multiunidades em Ensino de Ciências  
e Matemática, Universidade Estadual de Campinas  
mjpma@unicamp.br

### **Resumo**

A Análise de Discurso francesa (AD), na vertente iniciada por Michel Pêcheux, vem se concretizando como referencial teórico-metodológico na área de Educação em Ciências. Porém, pouco tem sido discutido a respeito das releituras de seus conceitos para a análise dos discursos que circulam nas aulas de ciências – ou daqueles que estão indireta ou diretamente relacionados a elas – e são materializados em uma variada gama de textos. A compreensão dos mecanismos que permitem a adequação dos construtos teóricos da AD na constituição de dispositivos analíticos que sirvam à pesquisa na área mostra-se relevante uma vez que se fazem necessários avanços na discussão sobre o desenho das investigações produzidas nessa vertente de pesquisa. Assim, o presente simpósio visa à promoção de um debate acerca das metodologias empreendidas em análises discursivas a partir da apresentação de quatro trabalhos que se apropriam de categorias teóricas da AD para o desenvolvimento de dispositivos analíticos específicos para a análise de diferentes objetos.

**Palavras chave:** Análise de Discurso, dispositivo analítico, pesquisa em Educação em Ciências

### **Abstract**

The French Discourse Analysis has become a theoretical and methodological framework in the area of Science Education. However, little has been discussed about the readings of its concepts for the analysis of discourses that circulate in science classes – both those directly or indirectly related to them – and are embodied in a range of texts. Understanding the mechanisms by which the adequacy of the theoretical constructs of Discourse Analysis in the formation of analytical devices that serve to the area is shown relevant since advances are needed in the discussion on the design of research produced in this research framework. Thus,

this symposium aims to promote a debate about the methodologies undertaken in discourse analysis from the presentation of four papers which appropriate theoretical categories of Discourse Analysis for the development of analytical devices specific to the analysis of different objects.

**Key words:** Discourse Analysis, analytical device, Science Education research

## **Introdução**

A pesquisa em Educação em Ciências no Brasil vem se consolidando nas últimas quatro décadas e junto com esse movimento de expansão e de produção de estudos temos observado uma diversificação das linhas temáticas sobre as quais se apoiam as investigações. Dentre elas, destacamos aquela relacionada aos estudos do discurso na qual se situam abordagens linguísticas e discursivas sob as mais diversas perspectivas teóricas e metodológicas. Nesse cenário, localiza-se a Análise de Discurso de linha francesa cujas propostas de autores como Michael Pêcheux e Eni Orlandi tem passado por uma releitura no contexto da pesquisa em Educação em Ciências e gerado uma produção já considerável não apenas do ponto de vista quantitativo mas, sobretudo, por consistir em um campo teórico-metodológico fértil para se (re)pensar questões específicas do ensino de ciências.

Em revisões de literatura recentemente publicadas (PINHÃO e MARTINS, 2010; NICOLLI, OLIVEIRA e CASSIANI, 2011) é constatada a concretização da Análise de Discurso (AD) como referencial teórico-metodológico na área de Educação em Ciências. Porém, pouco tem sido discutido a respeito das releituras dos conceitos dessa disciplina, para a análise dos discursos que circulam nas aulas de ciências – ou daqueles que estão indireta ou diretamente relacionados a elas – e são materializados em uma variada gama de textos (orais, escritos, imagéticos, entre outros). A compreensão dos mecanismos que permitem a adequação dos construtos teóricos da AD na constituição de dispositivos analíticos que sirvam à pesquisa em Educação em Ciências mostra-se relevante uma vez que se fazem necessários avanços na discussão sobre o desenho das investigações que têm sido produzidas nessa vertente de pesquisa.

Desta forma, o presente simpósio visa à promoção de um debate acerca das metodologias empreendidas em análises discursivas de textos constituidores do discurso escolar sobre a Ciência a partir da apresentação de quatro trabalhos que se utilizam de diferentes dispositivos analíticos apoiados em construtos teóricos desenvolvidos pela AD.

## **Análise de Discurso: alguns de seus construtos teóricos**

A linguagem, para os analistas dos discursos, não é vista apenas como um suporte do pensamento ou mero instrumento de comunicação. As palavras e seus sentidos não estão atados de forma a constituir unidades passíveis de uma única interpretação, clara, objetiva e neutra. A linguagem não é transparente e a relação entre esta, pensamento e mundo não é unívoca. A AD estabelece um objeto-linguagem diferente daquele instaurado pela Linguística tradicional porque trata dos processos de constituição do fenômeno linguístico e não meramente do seu produto.

Ao serem considerados tais processos, a linguagem passa a se caracterizar como transformadora, como interação, uma vez que ela reside na relação necessária entre homem e

idade natural e social (ORLANDI, 1993). A linguagem é assumida como um trabalho simbólico, como produção, deslocando a importância dada a sua função referencial (da qual decorre o pensar a comunicação apenas sob o enfoque da informação) passando a valorizar sua função ideológica. De acordo com Orlandi (1993), “a definição de linguagem como trabalho desloca percursos: se faz um percurso que não passa só pelo psíquico ou pelo social estritamente, mas também pelo domínio da ideologia” (p. 17/18). Desta forma, a linguagem deixa de ser vista apenas como um “meio de comunicação”, enquanto instrumento utilizado com o objetivo de comunicar e transmitir informações, passando a ser considerada como mediação, como processo de produção de sentidos.

O discurso, por sua vez, é concebido como local onde as práticas sociais são materializadas na linguagem, uma vez que ele dispõe de formas de apropriação pelo indivíduo falante, do universo da língua, implicando a participação do sujeito na linguagem (ORLANDI, 1983). Pinto (1999) acredita que essa definição de discurso enquanto prática social coloca a linguagem verbal, e as outras linguagens semióticas com que se constroem os textos, como partes integrantes do contexto sócio-histórico e não alguma coisa de caráter puramente instrumental, externa às pressões sociais. Com isso, o conceito de discurso integra o sujeito ao funcionamento de enunciados, de textos, cujas possibilidades são sistematicamente articuladas sobre formações ideológicas (MAINGUENEAU, 1983).

Orlandi (1994, p. 56) define ideologia “como o imaginário que medeia a relação do sujeito com suas condições de existências” sendo ela “constitutiva da relação do mundo com a linguagem” e condição para esta relação. Ela também destaca que o pensamento de Pêcheux é singular devido ao lugar particular que ele dá à língua em relação à ideologia que é tratada no domínio do “interdiscurso”, ou seja, na relação do discurso com outros discursos que o antecedem ou sucedem (ORLANDI, 1995). É nesse lugar teórico que a ideologia se relaciona com a produção de sentidos.

O discurso é visto como objeto histórico-social permeado e revelador de ideologias. Andrade (2003) destaca a não existência de discursos neutros uma vez que eles são sempre produzidos nas relações sociais. De acordo com esta autora, “tanto o sujeito que fala com o que ouve pertencem a determinado grupo social cuja ideologia será materializada em seu discurso” (ANDRADE, *op. cit.*, p. 57). Assim, a construção de qualquer discurso apresentará como base a formação ideológica de seu enunciador. No processo de contínuo confronto, os grupos que compõem a sociedade produzirão e reproduzirão em seus discursos as relações de antagonismo, cooptação e dominação.

O discurso deve, então, ser concebido como o lugar em que melhor podemos observar a articulação entre língua e ideologia, lugar da manifestação das relações de força e de sentidos que refletem os confrontos ideológicos. A respeito dessas relações, Orlandi (1995, p. 20) esclarece-nos:

Para Pêcheux, o discurso é efeito de sentidos entre locutores. Compreender o que é efeito de sentidos é compreender que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum, mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos, e isso só é possível, já que sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas (que constituem as diferentes regiões do dizível para os sujeitos). As formações discursivas são entendidas como as diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes.

A AD procura descrever, explicar e avaliar criticamente os processos de produção, circulação e consumo dos sentidos os quais se encontram materializados nos textos. Estes são

identificados, pela AD, como unidade de discurso definindo-os como unidades complexas de significação (ORLANDI, 1993) ou ainda como formas empíricas do uso da linguagem verbal e/ou de outros sistemas semióticos no interior de práticas sociais contextualizadas histórica e socialmente (PINTO, 1999). Logo, os textos, ao serem abordados como integrantes de práticas sociais inseridas em contextos determinados, nada mais são do que discursos. Os contextos, por sua vez, referem-se às condições de produção que constituem o sentido da sequência verbal produzida. As condições de produção remetem, num sentido mais estrito, às condições de enunciação (situação imediata e interlocutores diretamente envolvidos) mas também incluem, num sentido mais amplo, o contexto sócio-histórico e ideológico (ORLANDI, 1999).

Como é no discurso que se pode observar a relação entre língua e ideologia, é na consideração das condições de produção do discurso que o analista do discurso deve operar. As condições de produção do discurso compreendem sujeitos e situações. Assim sendo, compreendem: um enunciador que está situado em determinado lugar social e histórico; um co-enunciador que também está situado em determinado lugar social e histórico; um referente, ou seja, aquilo que se diz que é condicionado pelos sistemas semânticos de coerência e de restrições; uma forma de dizer que é condicionada por imagens que os sujeitos da comunicação possuem; um contexto em sentido estrito ou situacional imediato; um contexto institucional; um contexto sócio-histórico-cultural.

As condições de produção estão intimamente relacionadas às imagens (formações imaginárias) que os sujeitos têm tanto de seu interlocutor (público-alvo) como do conteúdo do seu discurso. Tais representações imaginárias dos protagonistas do discurso os situam em determinado lugar na estrutura social. As formações imaginárias irão designar o lugar que o enunciador e o co-enunciador da comunicação atribuem a si mesmo e ao outro, a imagem que fazem deste lugar que ocupam e a imagem do referente.

Portanto, irão influenciar na produção do texto: a imagem que quem diz tem de si mesmo; a imagem de quem escuta ou lê; e a imagem do que diz. É importante ressaltar que estas imagens não são o resultado de elaborações internas individuais neutras, mas “assentam-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder” (ORLANDI, 1999). A consideração das condições de produção do discurso suscita questões importantes para se compreender além da superfície do texto, como: Qual é a natureza da relação entre enunciador e co-enunciador? Qual imagem o co-enunciador tem do que fala? Qual é o contexto em que o co-enunciador escuta ou “lê” o enunciador/texto? Como o contexto da enunciação é condicionado pelo histórico e o ideológico? Nesta perspectiva, as condições de produção do discurso são, portanto, tudo aquilo que condiciona o que pode e deve ser dito, quem diz, para quem diz, como diz, onde diz e, até mesmo, o que não diz.

Para a AD aquilo que não se diz, o silêncio, também produz sentidos. Orlandi (1995, p. 23) afirma que a linguagem implica silêncio e este, por sua vez, “é o não dito do interior da linguagem”. O silêncio não é o nada, não é o vazio sem história. É silêncio significante. Assim, numa tarefa de análise de textos (orais ou escritos), não é apenas o conjunto de palavras enunciadas em uma sentença o condicionante na atribuição dos sentidos que os sujeitos do discurso estabelecem, pois o silêncio é igualmente necessário à significação.

Finalmente, trazemos a compreensão do processo da leitura – explorado em um dos trabalhos deste simpósio – de acordo com a perspectiva discursiva. Na AD, a leitura deve ser considerada como uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, ou seja, de historicidade.

Historicidade do texto, mas também historicidade da própria ação da leitura, da sua produção. Daí nossa afirmação de que leitura é o momento crítico da produção da unidade textual, da sua realidade significante. É nesse momento que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao fazê-lo, desencadeiam o processo de significação do texto. Leitura e sentido, ou melhor, sujeitos e sentidos se constituem simultaneamente, num mesmo processo (ORLANDI, 1993, p. 9/10).

Dessa forma, a leitura está relacionada às diferentes compreensões e interpretações que os sujeitos assumem na medida em que interagem com o texto ou, melhor ainda, com outros sujeitos (interações autor-leitor virtual e autor/texto-leitor) já que as relações sociais e históricas sempre se dão entre homens. A possibilidade de que um mesmo texto seja interpretado de diferentes formas por diferentes leitores reside no fato de ser próprio da natureza da linguagem a possibilidade da multiplicidade dos sentidos. Assim, notamos a existência de textos que proporcionam um tipo de leitura chamada parafrásica, ou seja, que “se caracteriza pelo reconhecimento (reprodução) do sentido dado pelo autor”, enquanto outros se abrem à possibilidade de uma leitura polissêmica, que “se define pela atribuição de múltiplos sentidos ao texto” (ORLANDI, 1983, p. 187).

As leituras polissêmicas acontecem por conta dos deslocamentos de sentidos que são possíveis devido ao fato do sentido não se encontrar inscrito no texto existindo, portanto, a possibilidade de diferentes compreensões por distintos sujeitos (ORLANDI, 1996). Isso acontece pelo fato de cada leitor possuir diferentes histórias de leitura e, desta forma, construir diferentes intertextos (isto é, tecer relações com textos lidos anteriormente) de modo que o sentido pode ser alargado ou restringido (ORLANDI, 1984).

Leituras já feitas configuram – dirigem, isto é, podem alargar ou restringir – a compreensão de texto de um dado leitor. O que coloca, também para a história do leitor, tanto a sedimentação de sentidos como a intertextualidade, como fatores constitutivos de sua produção (ORLANDI, 1984, p. 8).

Assim como deve ser considerado o papel das histórias de leitura dos sujeitos-leitores tem-se também que levar em conta o próprio processo histórico da leitura, isto é, reconhecer que toda leitura tem sua história.

Para um mesmo texto, leituras possíveis em certas épocas não o foram em outras, e leituras que não são possíveis hoje o serão no futuro. Isto pode ser observado em nós mesmos: lemos diferentemente um mesmo texto em épocas (condições) diferentes (ORLANDI, 1984, p. 7).

Na passagem acima, Orlandi refere-se às condições históricas e sociais que são determinantes do processo de leitura e significação dos textos em diferentes momentos; aqui se remetendo especificamente ao contexto imediato da leitura. Por outro lado, as condições sócio-históricas também englobam o contexto no qual o texto foi produzido sendo também considerado como condição de produção da leitura.

Outro fator que constitui o processo de leitura diz respeito aos interlocutores envolvidos (autor/texto e leitor). O lugar social por eles ocupado é também parte constitutiva do processo de significação; portanto, o(s) sentido(s) de um texto será(ão) determinado(s) pelas posições que ocupam aqueles que o produzem (os que o emitem e o lêem), ou seja, por relações de força (ORLANDI, 1993).

## **Descrição dos trabalhos do simpósio**

Os trabalhos que integram o presente simpósio possuem diferentes objetos de estudo (discursos de professores, textos do ENEM, animações audiovisuais, textos didáticos e de

divulgação científica) e se apropriam de categorias teóricas da AD para o desenvolvimento de dispositivos analíticos específicos. Passamos, a seguir, a uma breve descrição de cada um deles.

No texto “Discursos de professores de ciências: leitura e escrita como foco de diálogo”, Giraldi (2013) tem como objetivo discutir as compreensões de professores acerca dos processos de leitura e escrita em aulas de ciências. As análises estão centradas em um episódio de pesquisa no qual pesquisadora e sujeitos de pesquisa discutiram um texto produzido por pesquisadoras em educação em ciências preocupadas com questões relacionadas à linguagem. A partir daí, algumas noções teóricas da AD são aprofundadas e servem de subsídio para as análises realizadas no contexto da pesquisa pela autora do trabalho, são elas: autoria (níveis de repetição), formação discursiva, leitura e escrita e a própria concepção de linguagem. A proposta metodológica presente no trabalho, a opção por uma discussão entre pesquisadora e professores a partir de um texto que tocava em aspectos relevantes para os objetivos da pesquisa, traz uma alternativa às entrevistas (estruturadas ou semi-estruturadas) na tentativa de minimizar posições hierárquicas frequentemente estabelecidas neste método de coleta de dados.

No trabalho “Contribuições da Análise de Discurso em leituras do ENEM: o conceito de condições de produção”, Barros e Cassiani (2013) tem como objetivo central explorar a relevância do conceito de condições de produção para a análise de situações de leitura de textos do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), particularmente os itens das provas. Desta forma, os autores buscaram explorar situações nas quais os interlocutores – ao mudarem de posição por ocuparem lugares sociais distintos – produzem um deslocamento interpretativo. Além da noção de condições de produção, são abordados os conceitos de imagem, leitura e intertextualidade para o estabelecimento de análises dos processos discursivos relacionados ao ENEM e a proposição de planejamento de estratégias de trabalho pela leitura de questões do exame promotoras de condições de produção diferenciadas de acordo com os diferentes gestos de interpretação dos sujeitos.

No terceiro trabalho, “Sentidos de tecnologia em animações educativas: De onde vem o papel?” (Geremias e Cassiani, 2013), ao estabelecer uma interlocução entre a Análise de Discurso e a Educação CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade), as autoras analisam os sentidos produzidos sobre tecnologia em uma animação educativa. Para tanto, as noções de interdiscurso, silêncio, relação e filiação de sentidos são mobilizadas em um quadro analítico que visa realizar uma aproximação dos gestos de interpretação possíveis na interação dos sujeitos com o vídeo. A leitura analítica da animação ao significar os não-ditos considera que os sentidos de tecnologia construídos podem vir a torná-la como algo separado da atividade humana. A análise discursiva também aponta para a constituição da animação enquanto um artefato escolar que, ao reproduzir determinados saberes legitimados, nega outros saberes que resgatam a memória de outros discursos sobre tecnologia.

O quarto e último trabalho do simpósio, “Análise de Discurso de textos do livro didático e de divulgação científica: caracterizando formações discursivas” (Galieta, 2013), tem como objetivo analisar textos relacionados ao discurso científico que circulam em aulas de ciências. A autora elabora, então, um dispositivo analítico (dividido em três etapas) que se baseia nos constructos teóricos de condições de produção e interdiscursividade da Análise de Discurso. Na etapa de constituição do *corpus* são estabelecidos os critérios de seleção dos textos analisados a partir da questão e do objetivo de pesquisa os quais são influenciados diretamente pelo referencial teórico. Na descrição do *corpus*, o “como se diz, quem diz e em que circunstância é dito” são considerados a partir de uma caracterização geral de cada um dos textos buscando compreender as circunstâncias da enunciação dos discursos. Finalmente, na etapa de interpretação do objeto discursivo são aprofundadas as condições de produção e a

interdiscursividade que caracterizam as formações discursivas “livro didático” e “revista de divulgação científica”.

## Contribuições do simpósio para a área

Baseado no entendimento de que “a construção de um dispositivo analítico vai além do simples uso do referencial teórico, e está associada à natureza do problema a ser analisado” (ALMEIDA, 2004, p. 44), concretizado no artigo (ALMEIDA e SORPRESO, 2011), percebemos que as análises empreendidas nos trabalhos supracitados não apenas comungam princípios teóricos da Análise de Discurso como também elaboram categorias analíticas de acordo com perspectivas epistemológicas próprias que subsidiam, inclusive, a definição de seus problemas.

Os trabalhos apresentados neste simpósio abordam objetos de estudo distintos e trazem questões de pesquisas específicas que são respondidas a partir de dispositivos analíticos também distintos, embora apoiados na mesma base teórica. Giraldi (2013), por exemplo, apresenta uma metodologia de coleta e análise de dados no qual a pesquisadora participa e interfere na dinâmica deste processo e assume um importante aspecto da pesquisa vinculada ao referencial teórico discursivo, a saber: o papel do interlocutor na constituição do discurso e da subjetividade do outro. Seu objeto é o discurso oral mas que se encontra intimamente vinculado ao discurso verbal escrito na medida que seus dados emergem a partir da leitura de um texto acadêmico. Nos trabalhos de Barros e Cassiani (2013) e Galieta (2013) os objetos analisados são textos escritos os quais constituem discursos sobre a ciência e o ensino de ciências. No caso do primeiro, os autores exploram as situações de leitura dos textos explorando as condições de produção produtoras de sentidos relacionados aos gestos interpretativos do sujeito. Já Galieta (2013) ao analisar textos escritos de dois gêneros discursivos distintos também explora o conceito de condições de produção embora não seja vivenciada uma situação empírica de leitura, focalizando na questão da formação discursiva. Assim como em Galieta (2013), Geremias e Cassiani (2013) apropriam-se da noção de interdiscursividade ao terem como objeto de análise os discursos de uma animação educativa. Tais autoras, ao considerarem os não-ditos na constituição dos discursos sobre tecnologia mobilizam outro construto teórico da AD na elaboração de seu dispositivo analítico.

Concluimos que os trabalhos apresentados no simpósio apontam possibilidades de interseções e afastamentos entre categorias de análise que são elaboradas tendo como referencial teórico a Análise de Discurso. Pudemos observar que estudos relacionados à vertente de pesquisa que investiga o discurso pode assumir uma pluralidade metodológica mesmo quando se apoiam em conceitos de uma mesma teoria. Por outro lado, entendemos que reflexões acerca da apropriação dessa disciplina por pesquisas em Educação em Ciências devem ser estimuladas e efetuadas de modo a avançarmos nas reais contribuições que seus resultados podem (e devem) repercutir no ensino de ciências da educação básica.

## Referências

- ALMEIDA, M. J. P. M. **Discursos da ciência e da escola: ideologia e leituras possíveis**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.
- ALMEIDA, M. J. P. M.; SORPRESO, T. P. Dispositivo Analítico para compreensão da leitura de diferentes tipos textuais: exemplos referentes à Física. **Pro-Posições**, Campinas, 1(64), p. 83-95, 2011.

BARROS, J. H. A.; CASSIANI, S. Contribuições da Análise de Discurso em leituras do ENEM: o conceito de condições de produção. **Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Águas de Lindóia, 2013.

GALIETA, T. Análise de Discurso de textos do livro didático e de divulgação científica: caracterizando formações discursivas. **Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Águas de Lindóia, 2013.

GEREMIAS, B. M.; CASSIANI, S. Sentidos de tecnologia em animações educativas: De onde vem o papel? **Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Águas de Lindóia, 2013.

GIRALDI, P. M. Discursos de professores de ciências: leitura e escrita como foco de diálogo. **Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Águas de Lindóia, 2013.

MAINGUENEAU, D. **Introdução aos métodos da análise de discurso**. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

NICOLLI, A.; OLIVEIRA, O.; CASSIANI, S. A linguagem na Educação em Ciências: um mapeamento das publicações dos ENPECs de 2005 a 2009. In: MARTINS, I.; GIORDAN, M. (Orgs.). **Atas do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Campinas, 2011.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. **Discurso, imaginário, social e acontecimento**. Em Aberto. Brasília, 14, n. 61, pp. 52-59, jan./mar., 1994.

\_\_\_\_\_. **Discurso e leitura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

\_\_\_\_\_. As histórias das leituras. **Leitura: teoria & prática**. Porto Alegre: Mercado Aberto, Ano 3, p. 7-9, jul. 1984.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

PINHÃO, F. L.; MARTINS, I. A análise do discurso e a pesquisa em ensino de ciências no Brasil: um levantamento da produção em periódicos entre 1998 e 2008. In: MORTIMER, E. F. (Org.). **Atas do VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Florianópolis, 2009.